

04 de fevereiro de 2021

A missão da ADIMB é a de promover o desenvolvimento técnico-científico e a capacitação de recursos humanos para a Indústria Mineral Brasileira

O conteúdo das matérias é de inteira responsabilidade dos meios de origem



**SERVIÇO GEOLÓGICO
DO BRASIL – CPRM**

EM ENTREVISTA PARA A CBPM, SECRETÁRIO ALEXANDRE VIDIGAL FALA DAS 110 METAS INSTITUÍDAS NO ANO PASSADO E APONTA PRIORIDADES PARA 2021

CPPM: Lançado no final de setembro do ano passado, o Programa Mineração e Desenvolvimento (PMD) definia a agenda do Governo Federal para a mineração e instituía 110 metas a serem cumpridas até 2023. Na sua opinião, o que já foi cumprido até o momento e qual o impacto para a mineração?

VIDIGAL: Este é um programa que não começou do dia para a noite. Nós estamos trabalhando nele desde 2019, começamos definindo o arcabouço das ações e muito do que está no programa já vinha sendo colocado em prática. Hoje 85% do programa está em pleno desenvolvimento. Os 15% restantes são o que demanda ações que não são nossas, mas de outras instituições.

As metas do programa estão distribuídas e são acompanhadas por 4 departamentos aqui da secretaria, com outras tantas coordenações. Temos umas 10 a 12 chefias trabalhando diariamente para fazê-lo acontecer.

Uma das metas do nosso plano que já foi desenvolvida é a questão da lei de barragens. Toda a legislação que levou a essa crise que agora faz dois anos, foi revista e levou a uma agenda que traz mais governança e responsabilidade sobre o assunto.

Outro exemplo são os acordos bilaterais. Editamos recentemente um decreto tratando do Grupo de Trabalho para o desenvolvimento dos minerais estratégicos. Dentro deste assunto tivemos também o acordo assinado com o Japão há 15 dias [em 8 de janeiro] sobre nióbio e grafeno. Outra questão desta agenda é o lítio, cada dia mais importante por conta das baterias.

O que o setor mineral pode esperar do PMD para 2021?

O programa é uma prioridade como um todo. Nosso compromisso é de realizar o programa na totalidade até 2023. O mandato termina no final de 2022, mas vamos deixar todos os passos encaminhados para que o próximo governo conclua com sucesso as 110 metas do programa.

Agora, o que posso apontar como destaque para este ano são a questão da segurança de barragens, que segue prioritária. Temos também um forte trabalho na reestruturação da ANM. Outra atenção grande é na pesquisa geológica, área que a Bahia tem muito destaque por conta também da CBPM. Nós estamos trabalhando intensamente na CPRM com desenvolvimento de novos alvos, buscando mais conhecimento.

Já é reflexo destes esforços o informe publicado pela CPRM esta semana [última segunda-feira, dia 25 sobre áreas com potencial para Potássio na Bacia do Amazonas, que vai ser importantíssimo para a agricultura. O garimpo ilegal está sempre no nosso radar também, pois todo dia surge uma questão.

Há ações no PMD que impactam ou beneficiam diretamente a Bahia?

A Bahia vem se relevando como um grande player da mineração nacional. A principal questão agora é logística, de escoamento. Este assunto está representado principalmente pela Fiol [Ferrovia de Integração Oeste-Leste], que é parte do programa de governo do Ministério de Infraestrutura. Acredito que os maiores projetos de infraestrutura federais hoje na área de logística se encontram na Bahia, com a Fiol e o Porto Sul.

Como o senhor vê a participação da Agência Nacional de Mineração (ANM) no cumprimento das metas estabelecidas pelo programa?

A ANM é uma peça chave para o sucesso do programa. Nós aqui da secretaria definimos as políticas, mas quem coloca em prática é a Agência. Então se a agência não funciona, o plano também não teria como funcionar.

Segundo matéria do jornal O Estado de S. Paulo, publicada em 11 de janeiro último, a ANM possui uma fila de 74 mil áreas aguardando decisão.

Qual a sua opinião sobre os trabalhos da agência na análise dos processos para liberação de áreas?

Eu digo que o número de processos é até maior do que isso. Esse foi um passivo que a agência recebeu de anos de processos acumulados e que não temos como resolver do dia para a noite. Mas estamos empenhados e trabalhando para informatizar os fluxos de processos, acelerar as tramitações e modernizar a atuação da agência como um todo, o que vai levar a uma redução cada vez maior desta fila.

Por exemplo: o MME assinou no ano passado um convenio com plano mundial para modernizar as agências vinculadas a ele, do qual R\$ 15 milhões estão indo para a ANM, fora os recursos próprios do orçamento.

Quais as suas considerações sobre 2021 para a mineração brasileira?

Para mim a palavra de 2021 para a mineração é crescimento. As perspectivas para o setor no nosso país são as melhores possíveis. E não digo só o crescimento em cifras, mas olhando para as questões de governança, sustentabilidade e de respeito ao meio ambiente.

À frente da secretaria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral do MME desde janeiro de 2019, Alexandre Vidigal de Oliveira é juiz federal aposentado, tendo atuado em Brasília, Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul. Doutor em Direito, suas atividades no Judiciário estão associadas a análise e decisão de questões no setor público, inclusive no setor energético, de petróleo e mineração.

Fonte: CPRM

Data: 01/02/2021



MINERAÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA FECHA 2020 COM DESEMPENHO POSITIVO

Em 2020, a mineração industrial elevou a quantia recolhida em tributos, em relação a 2019; viu o faturamento crescer, inclusive, em estados como Bahia, Goiás e Mato Grosso, além dos tradicionais produtores de minérios Pará e Minas Gerais; elevou para US\$ 38 bilhões o valor previsto para investir no Brasil até 2024; aumentou o volume de produção comercializada e também o nível das exportações, especialmente em dólar; expandiu também sua contribuição para manter positivo o saldo da balança comercial brasileira; além disso, de janeiro a setembro dados oficiais mostram que o setor contratou cerca de 5 mil trabalhadores, o que gera empregos indiretos da ordem de 1 para 11 ao longo das cadeias produtivas. A variação cambial e a valorização dos preços das *commodities* minerais no mercado internacionais foram fortes influenciadoras do desempenho.

Os dados da **#MineraçãoDoBrasil** foram divulgados hoje pelo Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM), que reúne mineradoras responsáveis por mais de 85% da produção nacional. O IBRAM apresentou informações referentes ao 4º trimestre e também o consolidado de 2020. [Clique para acessar a íntegra do trabalho.](#)

PRINCIPAIS DADOS DA #MineraçãoDoBrasil EM 2020

	2019	2020	2020 X 2019	4º TRIM 2020	4º TRIM 20 X 3º TRIM 20
Produção comercializada	985 milhões ton.	1 bilhão ton. estimadas	+2,5%	265 milhões ton.	ND
Faturamento do setor mineral	R\$ 153 bilhões	R\$ 209 bilhões	+36%	R\$ 83 bilhões	+63,6%
COMÉRCIO EXTERIOR					
Importações minerais	US\$ 8 bilhões	US\$ 4 bilhões (3% das importações brasileiras)	-50%	US\$ 1,4 bilhão	+6,3%
	41 milhões ton.	28 milhões de ton.	-30%	10 milhões ton.	+5,4%
Exportações minerais	US\$ 33 bilhões	US\$ 37 bilhões (17% das exportações brasileiras)	+11%	US\$ 11,5 bilhões	+8%
	362 milhões de ton.	371 milhões de ton.	+2,4%	96 milhões de ton.	-9%
Saldo mineral	US\$ 25 bilhões (contribuição de 51,6% ao saldo Brasil)	US\$ 32 bilhões (contribuição de 64% ao saldo Brasil)	+31%	US\$ 10 bilhões (contribuição de 113% ao saldo Brasil)	+8,5%
RECOLHIMENTO TRIBUTOS/ROYALTY					
Tributos totais	R\$ 53 bilhões	R\$ 72 bilhões	+36%	R\$ 29 bilhões	+65%
CFEM	R\$ 4,5 bilhões	R\$ 6 bilhões	+35%	R\$ 2,5 bilhões	+75%
Investimentos	2019-2023	2020-2024	* ao longo de 2020 esta previsão já tinha evoluído para US\$ 34,5 bilhões e depois para US\$ 37 bilhões. Valores incluem mais de US\$ 2 bilhões para estruturas de disposição de rejeitos		
	US\$ 27,5 bilhões	US\$ 38 bilhões*			

Desempenho foi positivo, mas não há espaço para celebrar

O IBRAM considera que, embora o balanço do setor em 2020 tenha sido positivo, não há espaço para comemoração, afinal outros segmentos produtivos observam efeitos nocivos da crise econômica alimentada pela pandemia que, por sua vez, ainda causa transtornos e mortes entre a população. Segundo Flávio Ottoni Penido, diretor-presidente do IBRAM, “em 2020 a mineração buscou fazer sua parte para ajudar a proteger a população, prestar sua solidariedade e contribuições para movimentar a economia”.

Wilson Brumer, presidente do Conselho Deliberativo do IBRAM, completa: “em 2020 a mineração soube proteger seus empregados e parte das comunidades próximas e seguiu produzindo, o que resultou em divisas importantes para o Brasil, além de ter gerado empregos e estimulado outros benefícios socioeconômicos à população”.

Os dois dirigentes dizem que a vacinação da população em massa, associada à manutenção de medidas protetivas (*home office* para diversas funções e grupos de risco, distanciamento social, uso de máscaras em todos os ambientes, higienização, entre outras), é a melhor estratégia para o Brasil mudar o cenário preocupante causado pela pandemia do novo coronavírus. Outro ponto importante, destacam, é o fato de a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) ter anunciado a aprovação emergencial para as primeiras vacinas, com base em evidências científicas.

Estes são os principais pontos do desempenho da indústria da mineração em 2020:

Variação de câmbio e de preços influenciam faturamento

Em 2020, a variação cambial e a valorização dos preços internacionais de minérios foram fortes influenciadores do desempenho do comércio exterior do setor mineral, informa o IBRAM. Tanto é assim que a produção comercializada em toneladas cresceu pouco (2,5%), passando de 985 milhões de toneladas de minérios para 1 bilhão de toneladas estimadas. No consolidado de 2020 o faturamento do setor foi de R\$ 209 bilhões e em 2019 R\$ 153 bilhões, uma variação de 36%. No 4º trimestre atingiu R\$ 83 bilhões ante quase R\$ 51 bilhões no 3º trimestre (63,6% a mais).

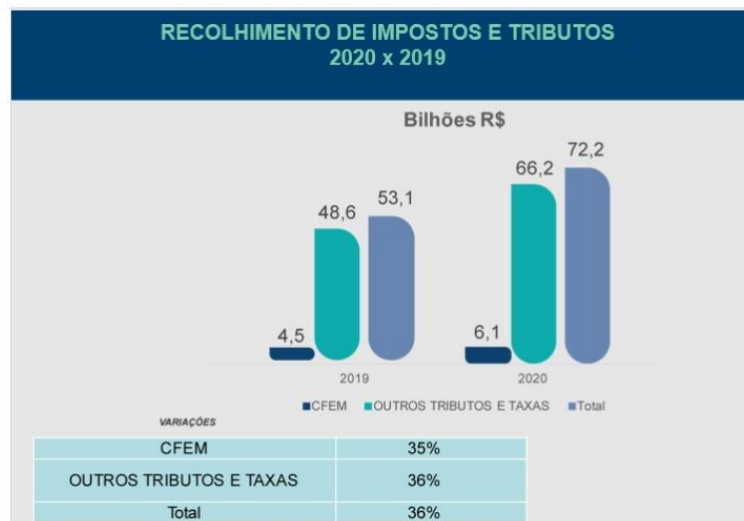


Em 2020, a **Bahia** viu o faturamento de sua produção mineral crescer 62% desde 2019; o mesmo movimento positivo se deu em **Mato Grosso** (58%); no **Pará** (45%); em **Minas Gerais** (31%); em **Goiás** (17%); em **São Paulo** (7%). Em 2020, o **minério de ferro** contribuiu com 66% do faturamento total do setor e o **ouro** com 11%.

O **ouro** foi a substância mineral que apresentou elevação (em %) no faturamento na comparação entre 2020 e 2019: 76%, passando de R\$ 13 bilhões para R\$ 23 bilhões, devido à elevação do preço da *commodity* e ao aumento de produção estimulada pela elevação da demanda.

O **minério de ferro** vem em seguida com 39% de crescimento anual, indo de quase R\$ 100 bilhões a cerca de R\$ 139 bilhões. O **cobre** registrou elevação de 35%, passando de R\$ 10 bilhões a quase R\$ 14 bilhões. O **granito** observou elevação de 25% no faturamento, indo de R\$ 2,5 bilhões a mais de R\$ 3 bilhões. O faturamento da produção de **calcário dolomítico** cresceu 12%, passando de R\$ 3,7 bilhões para R\$ 4,2 bilhões. O da **bauxita** evoluiu 6%, de R\$ 4,2 bilhões para R\$ 4,5 bilhões.

Mineração expande recolhimento de tributos em 36%



Se 2020 resultou em bom desempenho da indústria mineral, isso também significa que o setor recolheu mais tributos: 36% a mais do que em 2019. Em 2020, o setor repassou aos cofres públicos R\$ 72 bilhões ante R\$ 53 bilhões em 2019, incluindo *royalty* (CFEM – compensação pela extração mineral). Na comparação entre o total recolhido no 4º trimestre e no 3º trimestre, houve evolução de quase 65%: de R\$ 17,5 bilhões para R\$ 29 bilhões. Em termos de CFEM, o setor recolheu um total de R\$ 6 bilhões em 2020 ou 35% a mais do que em 2019.

Contribuição do saldo mineral para saldo da balança comercial foi de 64%

Foi decisiva a contribuição do setor mineral para manter positivo o saldo do comércio exterior brasileiro em 2020. O saldo mineral aumentou 31%, passando de quase US\$ 25 bilhões em 2019 para mais de US\$ 32 bilhões em 2020. Assim, o saldo mineral contribuiu com 64% do saldo Brasil em 2020; em 2019 o percentual era menor do que 52%.



Para este resultado do saldo mineral em 2020 foi fundamental a retomada da economia chinesa e sua influência nas exportações brasileiras, com a crescente demanda e consequente pressão sobre o preço das *commodities* minerais, devido ao risco de as ofertas minerais serem menores do que as demandas, principalmente as demandas chinesas.

Exportações – Na comparação anual, as exportações de minérios foram quase 11% maiores em 2020, em dólar, do que em 2019: de US\$ 33 bilhões para quase US\$ 37 bilhões. Em toneladas houve acréscimo de 2,4% na exportação de minérios de 2019 para 2020: de 362 milhões de toneladas para 371 milhões de toneladas.

Em 2020 as exportações de minério de ferro foram 16% superiores, em dólar, ao total de 2019 (cerca de US\$26 bilhões ante cerca de US\$ 22 bilhões), e praticamente estáveis em volume: apenas 0,3% de crescimento, passando de 340,5 milhões de toneladas para 341,6 milhões de toneladas.

Em 2020 as exportações de ouro cresceram 36% em comparação com 2019: US\$ 3,6 bilhões para quase US\$ 5 bilhões. Em volume houve crescimento de quase 8%, de 92 toneladas para 99 toneladas em 2020.

Importações – Na comparação entre 2020 e 2019, as importações caíram 50%, de US\$ 8 bilhões em 2019 para US\$ 4 bilhões em 2020. Houve queda também em volume importado: de 41 milhões de toneladas em 2019 para 28,5 milhões de toneladas em 2020.

Aumentam investimentos da mineração

O ano de 2020 começou com previsão de investimentos de US\$ 34,5 bilhões para o período 2020-2024. No 2º trimestre o valor previsto foi elevado para mais de US\$ 37 bilhões e desde o 3º trimestre o valor previsto de investimentos para 2020-2024 foi elevado em cerca de US\$ 1 bilhão, totalizando agora US\$ 38 bilhões (dados atualizados pelo IBRAM em dezembro de 2020). Foram constatados, recentemente, novos projetos para substâncias como manganês e minério de ferro.



No 3º trimestre de 2020 a previsão era que **Minas Gerais** seria o destino de US\$ 12,5 bilhões. Agora o valor aumentou para R\$ 13,2 bilhões (35% do total). A **Bahia** receberá US\$ 10,5 bilhões (28%). A previsão para o **Pará** aumentou em cerca de US\$ 200 milhões desde então, passando de US\$ 8,6 bilhões para US\$ 8,8 bilhões (23%). Os **outros estados** têm previstos investimentos da ordem de US\$ 5,5 bilhões (14%).

Os maiores aportes serão para **mineração de ferro**: US\$ 15,5 bilhões ou quase 41%; **bauxita**: 21,5%; **fertilizantes**: cerca de 17%. Cabe destacar a parcela, que deve aumentar ainda mais, em relação aos investimentos previstos para o descomissionamento de barragens a montante e soluções tecnológicas para disposição a seco de rejeitos. Até o momento, os valores previstos são da ordem de US\$ 2,2 bilhões para este fim – já incluídos nos US\$ 38 bilhões informados para os investimentos totais do setor.

+ 5 mil empregos em 2020

De janeiro a setembro de 2020, o setor contratou cerca de 5 mil trabalhadores. Esse número é bastante representativo, uma vez que a indústria possui fator multiplicador de 1:11. Em setembro o setor empregava diretamente mais de 180 mil trabalhadores diretamente.

Fonte: IBRAM

Data: 02/02/2021



BRAZIL'S BAHIA MINERACAO STARTS PRODUCTION AT IRON ORE MINE

Brazilian miner Bahia Mineracao, a subsidiary of Kazakhstan's Eurasian Resources Group, started production at a mine in northeastern Brazil with expected 2021 output of 1 million tonnes of iron ore, its chief executive said on Tuesday.

Bahia Mineracao plans to double output at the Pedra de Ferro mine in Bahia state to 2 million tonnes of iron ore by next year, CEO Eduardo Ledsham said in an interview.

The mine shipped its first cargo of ore in January, with first-quarter sales only to the domestic market, Ledsham said. Foreign shipments are expected to begin in April, he said.

The company plans to invest 4 billion reais (\$746.41 million) to ramp up annual production capacity to 18 million tonnes within five years, he said.

"I see that we're headed into a new cycle of high iron ore," Ledsham said of demand for the metal, mainly from China.

As part of that planned capacity expansion, the company will rely on the first segment of the East-West Integration Railway (Fiol), which has yet to enter operation. On April 8 the government plans to auction off a 35-year concession to operate the railway which connects to the coast.

Ledsham said Bahia Mineracao plans to participate in the auction in a partnership with other investors, but declined to elaborate.

Fiol will connect to a port in the coastal city of Ilheus that is being constructed and will be jointly operated by Bahia Mineracao and the Bahia state government.

The initial iron ore shipments are being sent by road freight.

The Pedra de Ferro mine has reserves of 550 million tonnes of ore, about one-third of which is hematite that contains roughly 65% iron content.

(\$1 = 5.3590 reais).

Fonte: Mining.com

Data: 02/02/2021



EXPLORAÇÃO MINERAL

PROJETO PROPÕE MUDANÇA NA OFERTA DE ÁREAS

O deputado Ricardo Izar (PP-SP), apresentou à Câmara dos Deputados o Projeto de Decreto Legislativo 382/20, que propõe a anulação da Resolução 24/20, da Agência Nacional de Mineração (ANM), a qual define novas regras para a escolha de interessados em dar prosseguimento à exploração mineral em áreas colocadas em disponibilidade pela Agência.

Até 2018, a escolha dos interessados nas áreas colocadas em disponibilidade era feita levando-se em conta o melhor projeto técnico. A partir daquele ano, no entanto, o Decreto 9.406/18 estabeleceu um novo modelo para a “disponibilidade de áreas”. De acordo com o decreto, as jazidas ou minas que por algum motivo retornam à carteira ANM (caducidade de títulos, abandono, desistência ou renúncia), passam a ser ofertadas através de oferta pública e, no caso de haver mais de um interessado, via leilão eletrônico, declarando-se vencedor aquele que fizer a maior oferta de valor pela área. Em fevereiro de 2020, a ANM, regulamentou o procedimento, com a Resolução 24/20.

Ao fazer a defesa do seu projeto, o deputado argumenta que faltam dados oficiais suficientes para embasar as decisões na área de mineração no País e que “alguns poucos privilegiados dispõem de informações sobre quais áreas ofertadas são boas e quais são ruins”.

Ele afirma, ainda, que “nenhum outro país do mundo, nem mesmo aqueles com tradição na mineração, como Estados Unidos, Canadá e Austrália, promovem leilões de áreas de mineração e acusa os diretores da ANM de entregarem, sem critérios bem definidos, riquezas minerais brasileiras a estrangeiros”.

Em setembro de 2020 a ANM iniciou o processo para oferta de 502 áreas para pesquisa e até novembro, quando se encerrou o prazo para manifestação de interesse, haviam se apresentado 185 interessados, o que a Agência considerou um sucesso, já que no modelo anterior o número de interessados não passava de 5%. Das áreas ofertadas, 82 tiveram mais de um interessado e irão a leilão. Atualmente, a ANM calcula existirem mais de 57 mil áreas na carteira, o que somaria cerca de 500 mil km², com represamento de investimentos em pesquisa e lavra mineral. Já a ABPM (Associação Brasileira das Empresas de Pesquisa Mineral) afirma que há mais de 75 mil áreas que estão com processos paralisados e que poderiam ser ofertadas ao mercado.

Fonte: Brasil Mineral

Data: 02/02/2021



SHAKY IRON ORE MARKET TURNS TO VALE FOR FINAL PIECE OF SUPPLY PUZZLE

With iron-ore at a crossroads, investors turn to Vale for the final piece of the supply puzzle.

Last month, BHP Group boosted its forecast for annual production, while Rio Tinto Group is also seeking to lift shipments of the steel-making ingredient this year. Vale — the other member of the trio of suppliers that dominate the seaborne market — will deliver its production report on Wednesday, including updating annual guidance.

Stronger-than-expected fourth-quarter output or an increase in 2021 projections at Vale could pour more cold water on iron ore prices that have recoiled on China’s push to rein in steelmaking amid slumping margins and rising port stockpiles.

Futures, which surged to as high as \$175 a metric tonne in December, have slipped back to about \$150 and could end the year at \$100, according to Daniel Hynes, senior commodity strategist at Australia & New Zealand Banking Group Ltd.

Still, there’s also a stronger-for-longer case, with Morgan Stanley this week outlining the “plausible scenario” of \$165-plus over the next three years. A disappointing report from the world’s second-largest supplier would support such a storyline. While Chinese demand may slow, it remains robust.

The Rio de Janeiro-based company will report quarterly output of 86.6-million tonnes, according to the average estimate of seven analysts surveyed by Bloomberg. That would be a slight decline from the third quarter but well ahead of the same period a year earlier.

Assuming there were no big surprises in the final three months of the year, attention will focus on guidance. In its previous report, Vale lowered its 2020 iron ore projection to between 300-million and 305-million tonnes and forecast 315-million to 335-million tonnes this year. At the time, executives described the 2021 goal as part of a conservative approach, leaving the door open to adjustments. Since then, operations resumed at its Samarco venture with BHP.

Vale is still looking to return to a capacity of 400-million tonnes, which would see it regain the title of world's biggest producer that it lost to Rio Tinto in the wake of the Brumadinho dam collapse that killed 270 people.

But the production recovery is taking a little longer than thought as Vale navigates legal and pandemic obstacles. That helped fuel last year's price rally that pushed up earnings. The company was raised to an investment-grade credit rating by Moody's and has reinstated dividend payments.

Fonte: Mining.com

Data: 02/02/2021



MME E FORTESCUE DISCUTEM MODERNIZAÇÃO E INVESTIMENTOS

Quarta maior mineradora de ferro do mundo, a empresa tem produção mensal de 170 milhões de toneladas e valor de mercado de US\$ 38 bilhões de dólares

O secretário executivo adjunto do Ministério de Minas e Energia (MME), Bruno Eustáquio de Carvalho, reuniu-se na quarta-feira (27/01) com a CEO e representantes da mineradora australiana Fortescue.

Quarta maior mineradora de ferro do mundo e com forte atuação no oeste da Austrália, a empresa tem produção mensal de 170 milhões de toneladas e valor de mercado de US\$ 38 bilhões de dólares.

O encontro virtual contou com a participação de especialistas do MME, da Empresa de Pesquisa Energética (EPE) e do Serviço Geológico do Brasil (CPRM).

Na ocasião, Bruno Eustáquio destacou a coerência entre planejamento, política e regulação, os sinais dos planejamentos em termos de fonte e a marca da competitividade.

O secretário-adjunto destacou os esforços do MME em modernizar os setores de energia, petróleo e gás, e mineração. "O MME trabalha para promover inovação e competitividade, e assim atrair empresas que, como a Fortescue, têm demonstrado interesse em investir numa agenda integrada de sustentabilidade", disse.

Fonte: MME

Data: 02/02/2021



EXPERTS WARN OF BREWING SPACE MINING WAR AMONG US, CHINA AND RUSSIA

A brewing war to set a mining base in space is likely to see China and Russia joining forces to keep the US increasing attempts to dominate extra-terrestrial commerce at bay, experts warn.

The Trump Administration took an active interest in space, announcing that America would return astronauts to the moon by 2024 and creating the Space Force as the newest branch of the US military.

It also proposed global legal framework for mining on the moon, called the Artemis Accords, encouraging citizens to mine the Earth's natural satellite and other celestial bodies with commercial purposes.

The directive classified outer space as a "legally and physically unique domain of human activity" instead of a "global commons," paving the way for mining the moon without any sort of international treaty.

Spearheaded by the US National Aeronautics and Space Administration (NASA), the Artemis Accords were signed in October by Australia, Canada, England, Japan, Luxembourg, Italy and the United Emirates.

"Unfortunately, the Trump Administration exacerbated a national security threat and risked the economic opportunity it hoped to secure in outer space by failing to engage Russia or China as potential partners," says Elya Taichman, former legislative director for then-Republican Michelle Lujan Grisham.

"Instead, the Artemis Accords have driven China and Russia toward increased cooperation in space out of fear and necessity," he writes.

Russia's space agency Roscosmos was the first to speak up, likening the policy to colonialism.

“There have already been examples in history when one country decided to start seizing territories in its interest — everyone remembers what came of it,” Roscosmos’ deputy general director for international cooperation, Sergey Saveliev, said at the time.

China, which made history in 2019 by becoming the first country to land a probe on the far side of the Moon, chose a different approach. Since the Artemis Accords were first announced, Beijing has approached Russia to jointly build a lunar research base.

President Xi Jinping has also he made sure China planted its flag on the Moon, which happened in December 2020, more than 50 years after the US reached the lunar surface.

The next Wild West?

China has historically been excluded from the US-led international order in space. It is not a partner in the International Space Station (ISS) program, and a US legislative provision has limited NASA’s ability to cooperate with it in space since 2011.

“America and China should cooperate in space,” say policy experts Anne-Marie Slaughter and Emily Lawrence. “If the US managed to coordinate with the Soviet Union on space policy during the Cold War, it can find a way to cooperate with China now,” they note.

Slaughter, a former director of policy planning in the US State Department from 2009 to 2011, believes that President Joe Biden’s team should distance from Trump’s accords and instead pursue a new course within the UN Committee on the Peaceful Uses of Outer Space.

“Biden can restore some of America’s global legitimacy by working to establish a multilateral framework, negotiated with all relevant parties that protects areas of common interest while granting internationally accepted commercial opportunities,” Slaughter and Lawrence wrote.

It will not be an easy task, they say, but a necessary one. “Without an international framework that includes all major spacefaring countries, the moon could become the next Wild West.”

The race is on. It has been for a while. So much so that NASA has laid out a \$28 billion plan to launch an unmanned mission around the moon in 2021, followed by a crewed moon flyby in 2023, then a lunar landing in 2024.

NASA plans to build a permanent moon-orbiting base called the Gateway, similar to the ISS. From there, the agency hopes to build a base on the lunar surface, where it can mine the resources required to fly the first astronauts to Mars.

Russia has been pursuing plans in recent years to return to the moon, potentially travelling further into outer space.

Roscosmos revealed in 2018 plans to establish a long-term base on the moon over the next two decades, while President Vladimir Putin has vowed to launch a mission to Mars “very soon.”

The US, Russia and China are not the first nor the only nations to jump on board the lunar mining train.

Luxembourg, one of the first countries to set its eyes on the possibility of mining celestial bodies, created in 2018 a Space Agency (LSA) to boost exploration and commercial utilization of resources from Near Earth Objects.

Unlike NASA, LSA does not carry out research or launches. Its purpose is to accelerate collaborations between economic project leaders of the space sector, investors and other partners.

The tiny European nation announced in November plans to create a European Space Resources Innovation Centre (ESRIC), in charge of laying the foundations for exploiting extra-terrestrial resources.

Luxembourg is also supporting a program to begin extracting resources from the Moon by 2025.

The mission, in charge of the European Space Agency in partnership with ArianeGroup, plans to extract waste-free nuclear energy thought to be worth trillions of dollars.

Trillion-dollar market

Both China and India have also floated ideas about extracting Helium-3 from the Earth’s natural satellite. Beijing has already landed on the moon twice in the 21st century, with more missions to follow.

In Canada, most initiatives have come from the private sector. One of the most touted was Northern Ontario-based Deltion Innovations partnership with Moon Express, the first American private space exploration firm to have been granted government permission to travel beyond Earth’s orbit.

Space ventures in the works include plans to mine asteroids, track space debris, build the first human settlement on Mars, and billionaire Elon Musk’s own plan for an unmanned mission to the red planet.

Geologists, as well as emerging companies, such as US-based Planetary Resources, a firm pioneering the space mining industry, believe asteroids are packed with iron ore, nickel and precious metals at much higher concentrations than those found on Earth, making up a market valued in the trillions.

On December 5, 2020, a metallic asteroid 140 miles wide and worth an estimated \$10,000 quadrillion made its closest approach to our planet.

“With NASA and other companies investing in and developing nuclear power for use in space travel and colonization, the reality of mining asteroids is closer than ever before,” says Bob Goldstein, CEO of US Nuclear Corp.

With proven successful fusion energy experiments under their belt, US Nuclear and Magneto-Inertial Fusion Technologies (MIFTI) believe they are only a few years away from building the world's first fusion power generator.

Fusion power releases up to four times as much energy as fission, and uses fuel that is lightweight, low-cost, safe, and sustainable.

A spacecraft with fusion-powered propulsion systems could reach the asteroid belt in as little as seven months. According to Goldstein, it could be powerful enough to transport the asteroid to an earth orbit where it would be much more efficient to mine and transport these valuable resources to earth.

Fonte: Mining.com

Data: 02/02/2021



BASE METALS ANALYSTS TURN CAUTIOUS AFTER STELLAR RALLY

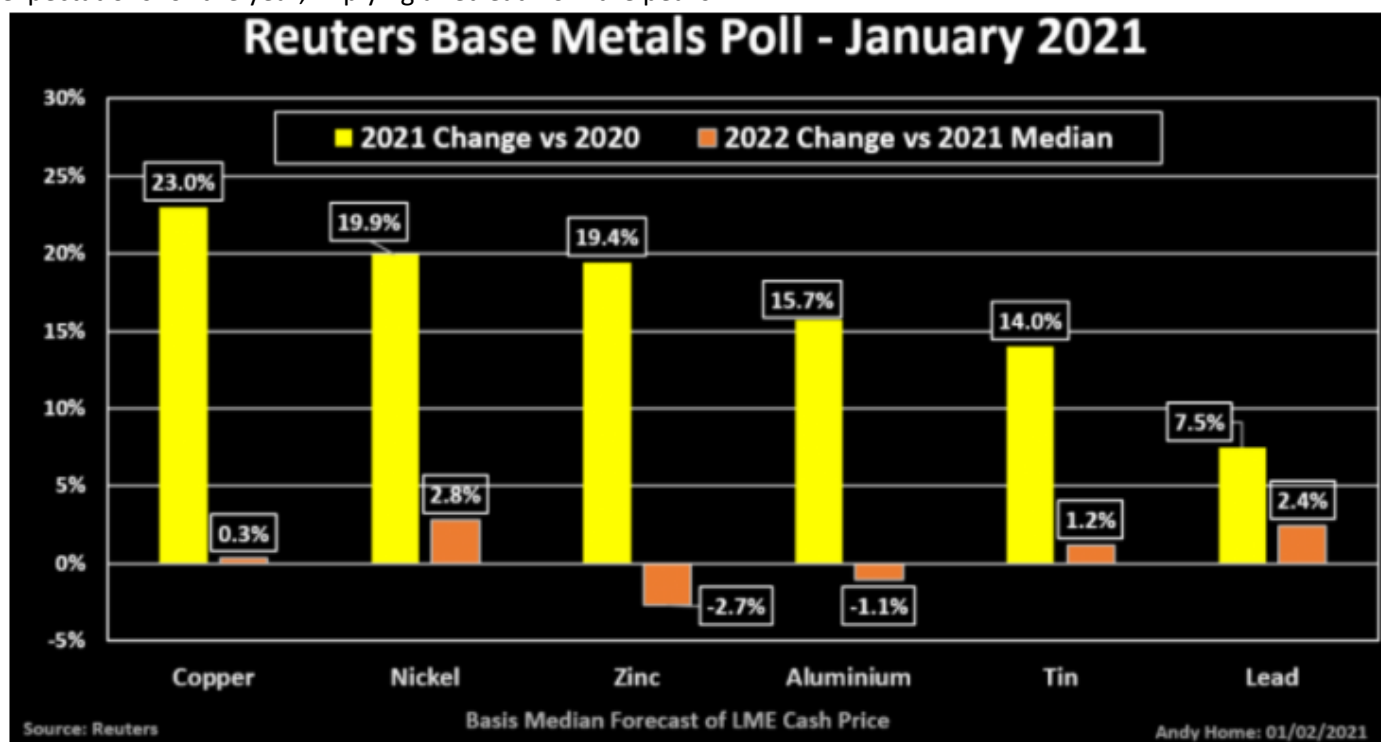
Put the champagne back on the ice.

After a super-charged rally over the second half of 2020 base metals may struggle to notch up further price gains in the short term.

While the demand recovery is expected to spread from China to the rest of the world this year, analysts participating in last week's Reuters base metals poll were cautious, expecting high inventories and rising supply to keep a lid on prices.

Median forecasts for all the base metals are significantly up on last year, which is unsurprising since prices collapsed in the first quarter as the pandemic locked down China's – and then everyone else's – manufacturing sector.

But the subsequent rebound has been so sharp that today's prices are already higher than median expectations for the year, implying a retreat from the peaks.



Curbing bullish enthusiasm

The London Metal Exchange index has bounced by 48% from its March 2020 lows.

Copper has led the charge and this year's forecast average price is \$7,600 per tonne, up 23% on last year's cash average.

However, with LME copper now trading around \$7,800, it is clear that analysts feel much of the good news is priced in.

Copper is expected to consolidate over 2021. Quarterly forecasts fluctuate only a couple of percentage points around the current price.

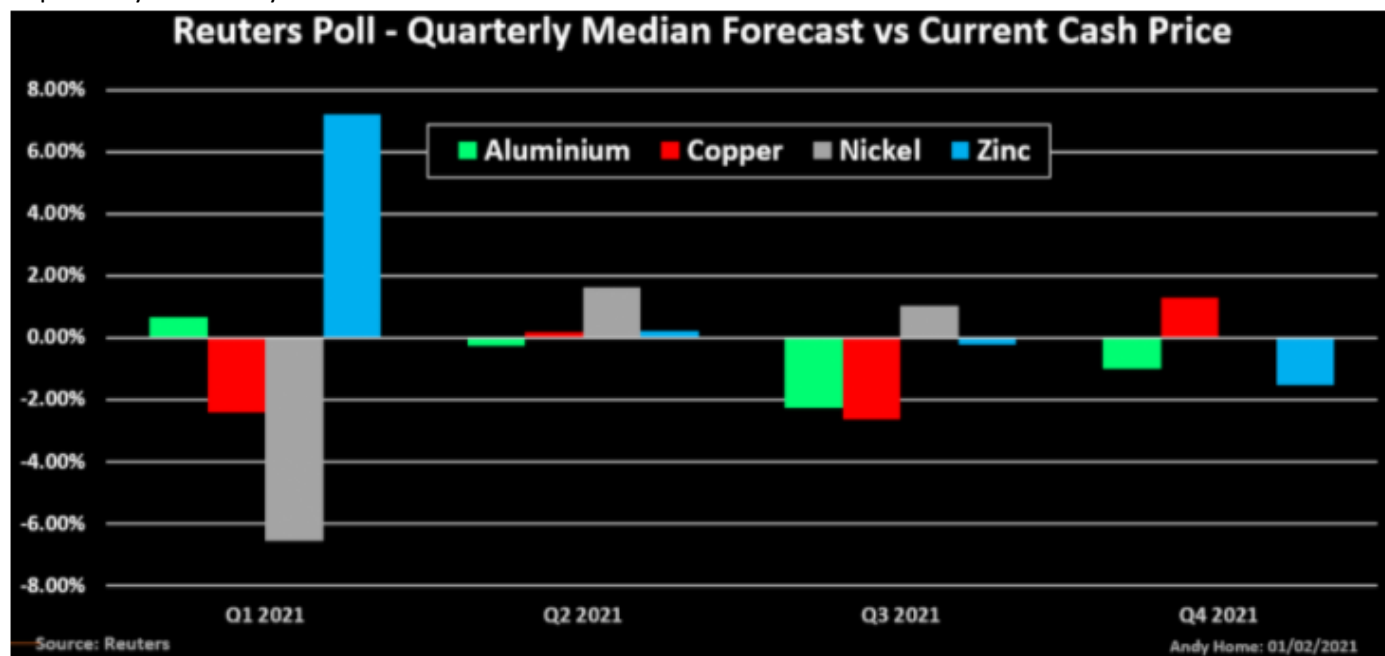
Perhaps more surprisingly, analysts are equally wary of next year's outlook with a median forecast of \$7,625 per tonne, also below current market levels.

Expectations for the rest of the base metals pack are similarly modest with prices largely expected to remain close to current levels over the course of 2021 before diverging more significantly next year.

Nickel, for example, is projected to rise by 20% to \$16,535 per tonne in 2021 relative to last year but by only a further 3% to \$17,000 in 2022. Friday's cash settlement price was \$17,727.

Some further price appreciation is also expected for tin and lead over the next two years but here too prices are already trading above forecast levels. Friday's cash tin price of \$23,657 was above even the highest forecast of \$22,125 for this year and \$22,000 for next year.

The divergence will come in the zinc and aluminum markets. Prices of both are expected to weaken over the course of 2020. Median 2022 forecasts of \$2,635 for zinc and \$1,950 for aluminum represent declines of 3% and 1% respectively from this year's median forecasts.



China slowdown fear

The collective view that base metals will consolidate around current levels over coming quarters is rooted in views about what happens in China this year.

Massive stimulus last year, pumped through the usual channels of construction and infrastructure, boosted demand and prices for metals.

However, there is a broad consensus that Chinese policy-makers will steadily turn off the spending taps this year, dulling growth in the world's biggest user.

Capital Economics is one of many expecting China to remain the dominant force on pricing. The research house forecasts industrial metal prices falling over the second half of 2021, dragged down by China.

It expects a "notable slowdown" in China's credit growth, including tighter restrictions on property lending, will weigh on economic activity. ("2021 to be a year of two halves", Jan. 28 2021)

Also curbing bullish spirits is concern about the amount of surplus metal accumulated during manufacturing lockdowns last year. Much of it has been sitting in hidden off-exchange storage. But as the zinc market has just discovered, the sudden appearance of previously unreported stock can be a harsh reality check.

Moreover, supply should also stage its own coronavirus recovery after multiple mine closures last year stressed supply chains.

Surplus markets

All the base metals with the exception of tiny tin are expected to register supply-demand surpluses this year and next.

Even copper, with its bullish market optics of massive Chinese imports and low visible inventory, is expected to see excess supply of 31,000 tonnes in 2021 and 20,000 tonnes in 2022.

True, those projections are lower than the last quarterly poll and, also true, the market balance forecasts span a wide range of expected outcomes, but the general thinking is that recovering supply will broadly match recovering demand.

Forecast surpluses for other metals such as aluminum and zinc are bigger, which is why analysts are unconvinced either can hold recent gains over a two-year horizon.

Meanwhile, a cumulative supply excess of 112,500 tonnes in the nickel market over the next two years will disappoint the battery metal's many bull fans.

Tin is the stand-out exception.

Not many analysts hazard a market balance forecast for tin, but of the five that did for this year four expect a supply shortfall. Three out of four submitting an estimate for next year predict a second year of deficit.

The question remains, though: has even tin, arguably the base metal least susceptible to speculative excess, outrun its own fundamentals?

Hitting the pause button

This poll suggests a collective pause for breath by an analyst community that was initially caught out by the strength of last year's price recovery.

Few would now dispute the bigger emerging bull narrative for industrial metals, one centred on the demand boost created by the global shift towards decarbonisation.

Not everyone, though, seems ready to embrace claims by super-bulls such as Goldman Sachs that the commodities sector is on the cusp of a new supercycle.

Or at least not yet.

It's the old sort of cycle, the Chinese one, that is top of most metals analysts' minds right now.

Last year's recovery in China's manufacturing activity was breath-taking. So too have been the country's imports for metals such as copper and aluminium.

Metals markets have been here before. Past experience suggests China's authorities will move fast to damp down any stimulus excess and metal prices will retreat when they do so.

The supercycle and the champagne, it seems, are on hold for now.

Fonte: Mining.com

Data: 01/02/2021



ORE INVESTMENTS CAPTA R\$ 250 MI E BUSCA PRIMEIROS PROJETOS PARA APORTES EM 2021

A Ore Investments, gestora brasileira de fundos de investimentos, finalizou a captação de mais de R\$ 250 milhões junto a investidores institucionais brasileiros e americanos em seu primeiro ano de atuação e prevê investimentos em ouro, cobre, fosfato e minerais de bateria em 2021.

"A gestora continua buscando novas oportunidades de investimento, aproveitando o momento em que o capital dedicado à pesquisa mineral em ativos em estágio inicial é escasso", disse o fundo em nota.

Conforme noticiado pelo Notícias de Mineração Brasil (NMB) em março do ano passado, a gestora focará em descobertas de novas jazidas e operação de minas de médio porte. De acordo com Ricardo Lopes, que atua como vice-presidente de exploração, o portfólio do fundo "deverá ser formado principalmente por ativos de ouro, platina, paládio, cobre, níquel, cobalto, zinco, lítio, grafita, ferro, manganês e fosfato. De toda forma, analisaremos outras commodities para projetos que se mostrarem interessantes dentro de nossa estratégia de investimentos", disse à época.

A equipe da Ore informou na sexta-feira (29) que, neste primeiro ano de atuação, "a gestora avançou consideravelmente no pipeline de negócios, com mais de 200 oportunidades avaliadas, sendo que 20 estão em estágio de negociação e auditoria e cerca de dez em negociações com exclusividade com auditoria já completada".

A Ore declarou ainda que aumentou a sua equipe com a entrada do geólogo e geoestatístico Thiago Bonás, que será diretor de avaliação de recursos e reservas. "Ele é formado em geologia na USP e tem mestrado em recursos minerais na mesma instituição. É um profissional com atuação relevante na América do Sul, Canadá e Europa", finaliza.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 01/02/2021



COLUMN: IRON ORE DILEMMA - WILL CHINA ACTUALLY CUT STEEL OUTPUT?

China's vast steel sector, and the iron ore industry feeding it, is grappling with a seemingly contradictory policy impulse that it should produce less this year, even as demand remains strong amid post-pandemic stimulus spending.

China produced a record 1.05 billion tonnes of steel in 2020, helping to drive spot iron ore prices to a one-year peak of \$175.40 a tonne on Dec. 21. Over the year, prices rose 75%.

The spot price of benchmark 62% iron ore delivered to North China, as assessed by price reporting agency Argus, has since retreated back below \$160 a tonne.

But the price has been above \$150 for almost two months, which is a strong performance considering that the steel-making ingredient held below \$100 for the five years between May 2014 and May 2019.

While China's record steel output has played its role, global iron ore supply has also been hit by a series of issues in second-largest exporter Brazil, which has suffered disruptions from the coronavirus pandemic, mine closures on safety grounds and a fire last month at an export terminal.

Top exporter Australia has managed to keep its shipments at robust levels, but this hasn't been enough to offset the supply losses from Brazil and still meet China's demand.

The question for market participants is whether China will really curtail steel production in 2021, or whether ongoing stimulus spending will triumph as authorities prioritise economic growth over pollution and energy consumption concerns.

The official line is that steel capacity and output should moderate this year.

Industry and Information Technology Minister Xiao Yaqing called on the steel industry to "resolutely" reduce output and ensure that there is a year-on-year decline in 2021, according to a Dec. 29 report from state news agency Xinhua.

Industry body the China Iron and Steel Association (CISA), however, expects higher steel demand this year amid supportive macroeconomic policies.

To resolve this dilemma of how to cut steel output and still meet demand, CISA is touting imports as a solution.

"We can strengthen imports of primary steel products, especially billets ... so that rising demand can be met without increasing output," CISA Vice Chairman Luo Tiejun told a new conference on Jan. 27.

If China does limit steel output in 2021 and increase imports of steel products, it sets up an intriguing dynamic whereby China's iron ore imports may drop slightly, while imports by other producers increase by a corresponding amount.

If this occurs it could mean iron ore prices remain supported since demand growth in the rest of the world would offset any decline in China's imports of the raw material.

DEMAND RECOVERY?

There is already some early signs that seaborne iron ore demand is recovering outside of China.

Global seaborne deliveries in January were an estimated 125.08 million tonnes, according to vessel-tracking and port data compiled by Refinitiv. This figure is likely to be adjusted higher as late-arriving cargoes are included in the assessment.

This was up from December's 122.67 million tonnes, and while still just lower than November's 125.18 million tonnes, marked a recovery from pandemic-induced levels below 120 million tonnes in May and June last year.

China's seaborne imports were estimated at 93.05 million tonnes in January, up from 85.35 million in December, according to Refinitiv. Overall the picture that emerges is that global iron ore demand remains solid, and China has yet to show any meaningful signs of moderation.

There are still some question marks over supply from Brazil, but probably not as many as there were in 2020.

So, does the current situation justify a price above \$150 a tonne?

History would suggest not. Certainly the forward curve for Singapore-traded iron ore futures has been slipping in recent weeks, with the six-month contract closing at \$138.33 a tonne on Jan. 29, down from \$146.48 at the start of the month.

Iron ore inventories at Chinese ports, as monitored by consultancy SteelHome, rose a third week in the period ending Jan. 29, reaching 126.2 million tonnes, up from a two-month low of 124.43 million in the week to Jan. 8.

It's a cliché to say a market is finely balanced, but in the case of iron ore this seems an apt description, with the outlook dependent on whether the coming months show China is moderating steel production, or if its mills are still running hard.

Fonte: Reuters

Data: 01/02/2021

MINISTÉRIO DE
MINAS E ENERGIA



MME LANÇA INFORMATIVO COM PRINCIPAIS AÇÕES DO MÊS

Informativo traz as notícias de destaque do MME, além de vídeos e outras publicações especiais.

Com o objetivo de destacar as principais ações do Ministério de Minas e Energia (MME) durante o mês, o MME lança o informativo "**Minas e Energia Em Pauta**".

Publicado no início de cada mês, o periódico vai trazer notícias sobre projetos, programas, normativos e eventos do MME nas áreas de energia elétrica, nuclear, petróleo, gás, biocombustíveis e mineração.

A nova ferramenta de comunicação também destaca vídeos e publicações das redes sociais.

[Confira o informativo de janeiro.](#)



EMBARQUES DE MINÉRIO DE FERRO DO BRASIL CRESCERAM 37% NA SEMANA DE 31 DE JANEIRO

Uma análise da XP Investimentos indica que os embarques brasileiros de minério de ferro somaram 8,2 milhões de toneladas na semana encerrada em 31 de janeiro. O volume representa um crescimento de 36,86% na comparação com os 6 milhões de toneladas da matéria-prima siderúrgica exportadas na semana anterior.

No mesmo período, as exportações Australianas de minério de ferro atingiram 15,1 milhões de toneladas, aumento de 17,19% em relação aos 12,9 milhões de toneladas embarcadas pelo país na semana encerrada em 24 de janeiro.

No caso do Brasil, o modelo da XP aponta para aumento nas exportações do insumo em praticamente todos os portos. O maior volume foi embarcado no Terminal Marítimo de Ponta da Madeira, em São Luiz (MA), principal ponto para exportação do minério produzido pela Vale no Sistema Norte.

Em Ponta da Madeira, foram embarcadas 3,9 milhões de toneladas, o que representa aumento de 42,89% sobre a semana anterior. No entanto, a maior melhora foi verificada no Terminal de Ilha Guaíba, no Rio de Janeiro, onde o embarque de 1,04 milhão de toneladas na semana passada significou crescimento de 56,26% sobre os 667 milhões de toneladas da semana anterior.

"Volumes mais baixos de chuvas nos principais portos contribuíram para melhores embarques e resultaram na melhor semana do ano, com embarques acima da faixa de meta consolidada", afirmou em nota o analista de Mineração, Siderurgia, Papel e Celulose da XP, Thales Carmo. "Destacamos a alta de 43% em Ponta da Madeira, mostrando que não houve impactos relevantes do incêndio ocorrido no Pier IV", acrescenta a nota.

Já no caso da Austrália, o maior volume (9,2 milhões de toneladas) foi embarcado em Port Hedland, enquanto Port Walcott teve a maior melhora de desempenho, com 3,4 milhões de toneladas exportadas na semana passada, contra 2 milhões de toneladas (63,79%) na semana anterior.

"Na Austrália, o aumento semanal de 17,2% nos embarques representa uma boa recuperação do último ciclone tropical", observou Thales Carmos, ressaltando, porém, que há previsão de que um novo ciclone vai atingir a região de Pilbara nesta terça-feira (2).

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 01/02/2021



DEPOIS DE IPO DA MINERAÇÃO, CSN VAI APOSTAR ALTO NO NEGÓCIO DE CIMENTO

Plano de Benjamin Steinbruch é dar mais robustez para a cimenteira, sexta do país em capacidade, até com uma aquisição, antes de levá-la à Bolsa

Grande aposta da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) na diversificação de negócios, a CSN Cimentos S.A. começa a operar hoje como uma empresa independente. Até agora era uma divisão da siderúrgica - companhia-âncora do grupo comandado pelo empresário Benjamin Steinbruch. É o primeiro passo da cimenteira para fazer uma oferta futura de ações na B3, seguindo a trilha da CSN Mineração, de minério de ferro.

Steinbruch, após longo um tempo, aderiu a esse caminho, seguido por dezenas de empresas locais - levantar dinheiro no mercado de capitais ao invés de se endividar para sustentar expansões e novas frentes de negócios.

No dia 18, está prevista a estreia da CSN Mineração no nível 2 da B3. A precificação da oferta para US\$ 1 bilhão, entre primária (30%) e venda de ações de CSN e seus sócios, está marcada para dia 12. A depender do preço, a nova companhia chega à Bolsa com valor de mercado de R\$ 63 bilhões.

Com isso, a CSN consolida em seu caixa R\$ 5,4 bilhões, ao câmbio atual. O valor ajuda a baixar a dívida líquida que era de R\$ 30 bilhões no fim de setembro. Com alta geração de caixa da área de mineração, esse valor deve ter ficado em R\$ 25 bilhões no fim de 2020 e a previsão do empresário é chegar a R\$ 15 bilhões no fim de 2021.

Não há ainda definição de prazo para o IPO da CSN Cimentos. A avaliação dentro da CSN é que o setor cimenteiro, após anos de sofrência (2015-2019), vai se manter com consumo forte no país nos próximos anos, puxado por obras de infraestrutura e expansão imobiliária. No ano passado, com o auxílio emergencial do governo na pandemia, lançamentos imobiliária. No ano passado, com o auxílio emergencial do governo na pandemia,

lançamentos imobiliários e demanda da autoconstrução, houve alta de 11% nas vendas de cimento no país, no total de 60,8 milhões de toneladas.

Isso não vai se repetir neste ano. A previsão do SNIC, entidade que representa o setor no país, é de 1%. Há empresas do setor que estimam até 2%. No entanto, a CSN foge à regra: projeta 6,5%, conforme apresentação a analistas e investidores no fim de 2020.

Nos cálculos da CSN, o consumo alcançará 64,7 milhões de toneladas neste ano e ela projeta 84 milhões de toneladas em 2025 - aumento de 30%. Ao mesmo tempo, vislumbra nesse período uma intensa consolidação de ativos do setor, que reúne 24 grupos fabricantes - nacionais e estrangeiros, desde pequenas a grandes empresas.

A direção da CSN vê um grande espaço para sua cimenteira se tornar um grande negócio, tanto por expansão orgânica como por aquisições de concorrentes. Uma fonte próxima da empresa disse que se avalia oportunidades de compra de ao menos um ativo antes de levar a empresa para a B3, de forma a torná-la mais robusta.

Com capacidade de fazer 4,7 milhões de toneladas ao ano, a empresa previa vendas de 4,1 milhões de toneladas em 2020, garantindo participação de mercado de 14% no Sudeste. Com esse porte, já é a sexta maior cimenteira do país.

As duas fábricas ficam em Volta Redonda (RJ) e Arcos (MG) e contam com a vantagem de disporem de duas matérias-primas essenciais ao negócio - escória (subproduto do aço) gerada na usina siderúrgica em Volta Redonda e jazidas de calcário em Arcos.

A cimenteira que surge independente, reunindo esses ativos, tem planos de montar mais três fábricas: no Pará, Sergipe e Paraná. Além disso, prevê uma expansão na unidade de Arcos. Esse pacote lhe renderia capacidade adicional de 8,6 milhões de toneladas. Assim, praticamente triplica de tamanho, com 13,3 milhões de toneladas ao ano. A CSN não informou quanto terá de investir para atingir esse patamar. Não é pouco.

A empresa vai equilibrar investimento com oportunidade de aquisição. Uma ou outra dessas novas fábricas pode ficar em segundo plano se surgir um ativo que faça sentido ser adquirido, principalmente fora do Sudeste.

Atualmente, a líder no país, em capacidade e vendas, é a Votorantim Cimentos. A seguir, à frente de CSN, estão InterCement, LafargeHolcim, Buzzi / Brennand e Mizu.

Fonte: Valor econômico

Autor: Ivo Ribeiro

Data: 01/02/2021



GREAT PANTHER PRETENDE INVESTIR US\$ 13 MILHÕES EM EXPLORAÇÃO EM 2021

A Great Panther pretende investir US\$ 13 milhões na exploração de seus atuais ativos em 2021. De acordo com a empresa, o principal foco dos aportes será a mina de ouro Tucano, no Amapá, onde estão previstos 60.000 metros de sondagem de um total "recorde" de 90.000m planejados pela companhia para o ano.

Em comunicado divulgado na sexta-feira (29), a companhia informou que cinco plataformas de sondagem vão ser empregadas na área durante o ano, com o objetivo de avaliar alvos onde houve, ainda segundo a empresa, "pouca exploração ou sondagem de recursos" desde a descoberta do depósito no fim dos anos 1990.

Tucano abriga uma tendência de sete km de depósitos de ouro, cercada por um pacote de terras de 2.000 quilômetros quadrados (km²) controlado pela empresa. Além da sondagem, a empresa pretende realizar também amostragem de solo de 500 km para "identificar alvos regionais de alta prioridade"

A mineradora informou que na mina a céu aberto estão planejados 24.000m de sondagem de circulação reversa (RC), incluindo os alvos TAP C, Urso e Torres, além de "testes de diversas anomalias geoquímicas".

Na cava subterrânea de Urucun está previsto programa de 8.000m de sondagem diamantada com o objetivo de "atualizar uma das zonas já conhecidas de alto teor" em Urucum Norte, enquanto "testa outra zona em Urucum Central".

A empresa disse ainda que, para a exploração regional, 28.000m de sondagem foram planejados para "avaliação rápida de alvos importantes", como Mutum, Saraminda e Lona Amarela, todos localizados num raio de 15 km da mina em operação existente.

"Nossos principais objetivos serão continuar a estender a vida útil da mina a céu aberto de Tucano, testar ainda mais o subsolo, com vistas a estender as zonas de alto teor, e fazer incursões significativas em alvos-chave no expansivo pacote regional de terras", disse o diretor-executivo da Great Panther, Rob Henderson.

Além do ativo brasileiro, a mineradora também planeja uma campanha de sondagem de 5.000m na mina de San Ignacio, ao longo dos veios de Purisima, 10.000 no complexo de Guanajuato, e 5.000m na mina Topia, todos no México.

A mineradora prevê ainda investimento de US\$ 2 milhões em outros trabalhos, que podem incluir os projetos de ouro Plomo e El Horcón, também no México, ou Coricancha, no Peru.

Relatório técnico

No comunicado, a Great Panther informou ainda que apresentou o relatório técnico NI 43-101 para Tucano, que inclui as reservas atualizadas e as estimativas de recursos para a mina já relatados em dezembro.

As reservas provadas e prováveis foram estimadas em 629.000 onças de ouro, das quais 299.000 estão na mina a céu aberto. Os recursos medidos e indicados agora estão em 953.000 onças do metal amarelo, incluindo as reservas.

Na mina a céu aberto de Tucano, os recursos medidos e indicados estavam fixados em 561.000 onças de ouro, o que representa um aumento de 28% em relação a setembro de 2019. Os recursos inferidos no Tucano agora totalizam 534.000 onças.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 01/02/2021



SILVER SWEEPED UP BY GAMESTOP RETAIL FRENZY, PRICES SOAR

Silver broke above \$30 an ounce for the first time since 2013 on Monday as an army of retail traders stormed into the metal after betting billions of dollars on stocks last week, triggering risks of a multi-asset melt-up in global markets.

Organised in online forums and traded with fee-free brokers such as Robinhood, small-time investors have driven a 1,600% rally in the shares of video game retailer GameStop, scooping up assets big fund managers had bet against.

The phenomenon spilled over into silver late last week.

Spot silver leapt more than 11% in London to \$30.03 an ounce and was on track for its biggest one-day rise since 2008, taking gains to about 19% since last Wednesday. [GOL/]

The jump set off a rally in silver-mining stocks from Sydney to London, with Fresnillo shares soaring 20.5% to top the UK blue-chip FTSE 100 index.

The action in silver, following thousands of Reddit posts and hundreds of YouTube videos suggests that a rise in the physical price could hurt large investors with bearish bets, also marks a foray into a much bigger and more liquid market than individual stocks.

"I would look at the silver rally the same way as I would the GameStop saga - from the point of view of market stability, for now it's not an immediate concern, but if we see sharp moves we could see some deleveraging in markets," said Antoine Bouvet, a rates strategist at ING.

"This reducing of risk through deleveraging could potentially boost demand for bonds if it is causing excess volatility."

In the first signs of deleveraging, Goldman Sachs said the amount of position-covering last week by U.S. hedge funds, buying and selling, was the highest since the financial crisis more than a decade ago.

Nevertheless, their market exposure to stocks remains near record levels, the investment bank warned.

HICCUPS

The rush to silver and GameStop-like stocks has been testing limitations in newer trading platforms and processing venues, frustrating retail traders who are unable to feed their hunger to buy and sell more frequently.

The feverish silver buying has hit a glitch, with large U.S. broker Apmex warning of processing delays while it secures more bullion. The Money Metals exchange suspended trade until mid-morning Monday.

Trading volumes in small miners' stocks in Australia were unprecedented and jumps in some exploration firms, which do not actually produce silver, topped 90%.

Similar hiccups were seen in equities last week. GameStop, AMC and a few other volatile stocks saw temporary buying restrictions in trading apps like Robinhood as frenzied buying led to trading apps putting on curbs.

"The Reddit crowd has turned its sights on a bigger whale in terms of trying to catalyse something of a short squeeze in the silver market," said Kyle Rodda, an analyst at brokerage IG Markets in Melbourne.

"This is their big, bold Moby Dick moment," he said.

Graphics: Silver prices versus ETF silver holdings -



SILVER IS NOT GAMESTOP

The popularity of dabbling in stock markets has grown during the COVID-19 pandemic as volatility, stimulus cheques and lockdowns have driven account openings and investment.

The craze hit fever pitch last week when the GameStop pile-on resulted in a “short squeeze”, turning price gains stratospheric as hedge funds with bets against the stock desperately bought it at high prices to close their positions.

Now it is silver’s turn and once again the scale of buying is catching the professionals by surprise.

Online discussions turned to silver late last week as Reddit posts suggested higher prices could hurt banks with large short positions, and that buying easy-to-access exchange-traded silver funds could quickly ramp up the metal’s value.

Retail traders poured a record A\$40 million (\$30.6 million) into Australian ETF Securities’ Physical Silver fund by the afternoon. A silver ETF in Japan surged 11%.

All eyes are on possible gains later in the day in iShares’ U.S.-listed, \$16.5 billion Silver Trust ETF which rose 5.6% last week.

“We see little chances of any tightening of the silver market,” said Eugen Weinberg from Commerzbank. “After all, the market is not only large and difficult to manipulate; unlike with shares, there is no excessive short selling with silver,”

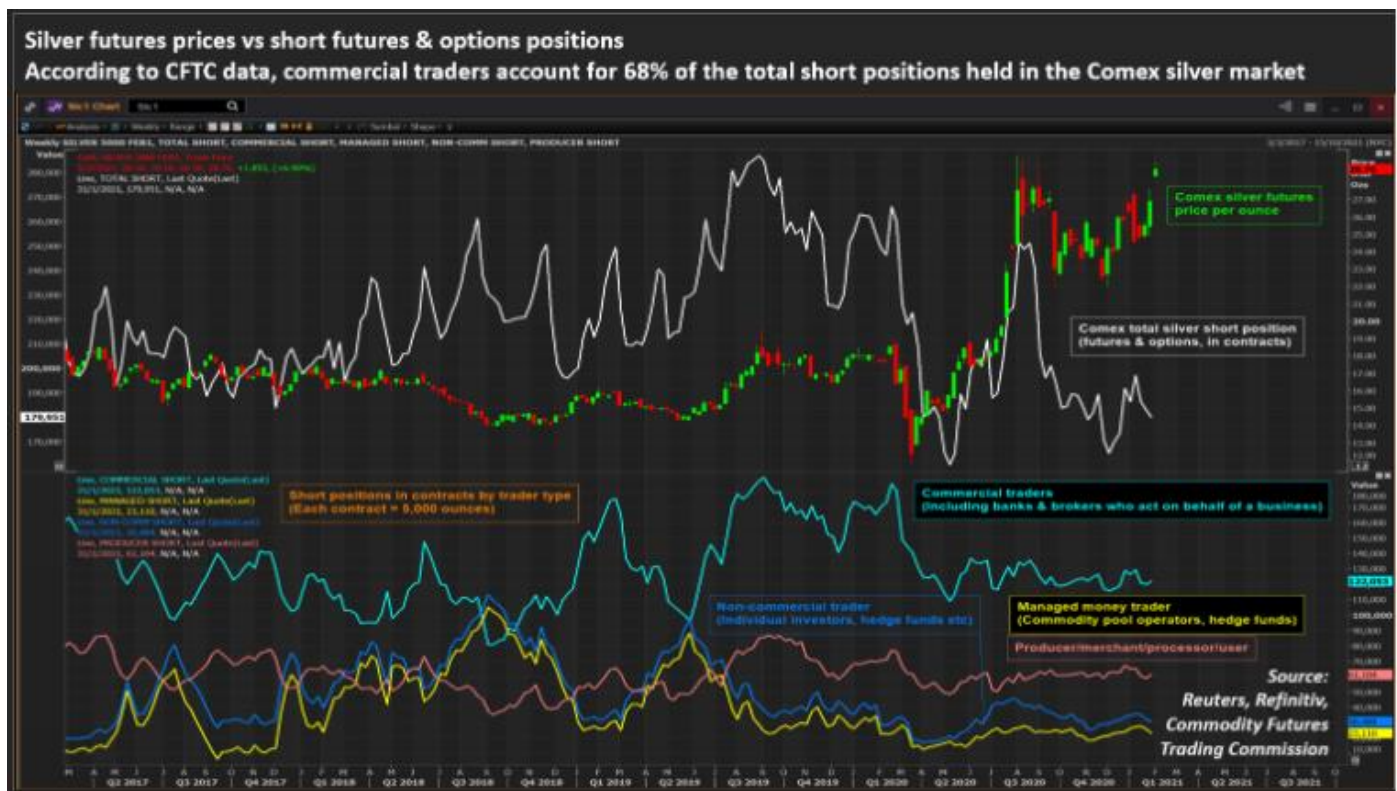
Global short interest in silver, or the cumulative value of bets it falls in price, is equivalent to about 900 million ounces - just short of global annual production.

Banks and brokers hold most of that - about 610 million ounces - but it is not clear whether they are net short on the metal or whether their bets offset very big physical holdings.

“Allegations that some market participants artificially keep silver prices low have been around for years, but are somewhat hard to square,” said BofA’s precious metals analyst Michael Jalonon.

He said he was “bullish silver for a while” based on new applications including solar panels, and expects it to rally above \$31/oz.

Graphics: Comex silver futures prices vs trader short positions –



So far, the Redditors are rolling on. Several of the renegade traders are millionaires on paper and their hedge fund adversaries are nursing their wounds. Melvin Capital, which bet against GameStop, lost 53% in January.

Robinhood, the Redditors' main broker, has also backed down and lifted some of the buying restrictions it imposed last week, although limits remain on eight companies including GameStop, AMC Entertainment and BlackBerry.

However with regulators circling both Robinhood and the Redditors' forums, the battle is far from over.

"I'll tell you one thing, absolute guarantee this ends in tears. I just don't know when," said CMC's Michael McCarthy.

(\$1 = 1.3072 Australian dollars)

Fonte: Reuters

Autores: Tom Westbrook e Thyagaraju Adinarayan

Data: 31/01/2021



COLUMN: LONDON METAL EXCHANGE STOCKS SHOCK SENDS ZINC PRICE REELING

Zinc bulls have just received a reality check.

London Metal Exchange (LME) stocks of the galvanising metal surged to a three-year high of 294,500 tonnes this week thanks to the "arrival" of 106,000 tonnes in the space of just two days.

The stocks shock has transformed zinc from outperformer to laggard of the base metals pack. At a current \$2,565 per tonne, LME zinc has fallen by 11% from its early January high of \$2,897.

The delivery of so much metal in such a short period of time is a bit of market theatre, which seems to have had its intended effect.

However, the tension between signs of market surplus and falling LME inventory had been building for some time.

China has not come to the rescue of this particular industrial metal by hoovering up the rest of the world's surplus metal as it has done for copper. Zinc imports actually fell last year.

Excess zinc has been steadily accumulating in the off-market shadows. Its sudden appearance has blindsided bulls trading a narrative of a raw materials crunch.



SHADOW PLAY

The global refined zinc market registered a supply deficit of 480,000 tonnes over the first ten months of 2020, according to the International Lead and Zinc Study Group (ILZSG).

Back in October the group forecast a 620,000-tonne surplus for 2020 and another hefty 463,000-tonne surplus for this year.

That's pretty much the consensus view. Research house CRU, for example, thinks that the slump in demand due to COVID-19 restrictions led to a 500,000-tonne metal surplus outside of China last year, with a second year of excess supply expected in 2021. ("Zinc - Top 10 calls for 2021", Jan. 27, 2021)

Even Goldman Sachs, which has been heralding the dawn of a new commodities supercycle, is cautious on zinc, "our least preferred" industrial metal.

When it comes to zinc, the super-bull bank is also with the consensus, projecting a cumulative 868,000-tonne surplus over 2020 and 2021. ("Metals Watch", Jan. 14, 2021).

Yet this glut of metal was largely elusive last year. LME stocks rose by just 151,000 tonnes and from a very low base.

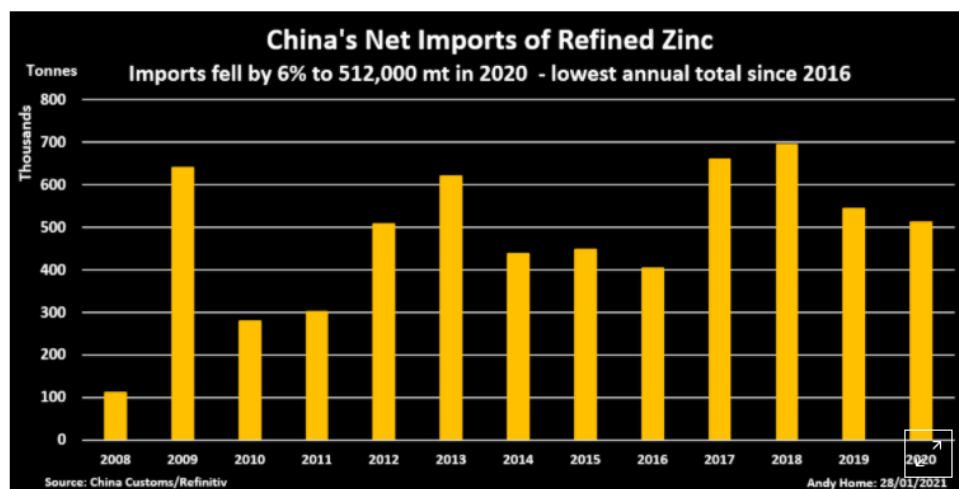
Arrivals slowed to a trickle over most of November and December and headline inventory actually fell by 10,500 tonnes over the fourth quarter.

The signs were there that metal was accumulating in the shadows. The LME's "off-warrant" monthly report showed a 71,650-tonne build between February and November last year, centred on New Orleans, which accounted for 47,650 tonnes of this week's inflow.

This is metal that is stored with explicit contractual reference to potential LME warranting, in effect a twilight zone between visible exchange stocks and invisible private inventory.

It's turned out to be a useful indicator of a bigger stocks build away from the LME's official figures.

There could be still more sitting "out there", given the size of last year's expected surplus.



CHINESE IMPORTS FALL

A key differentiator between zinc and copper is the lack of buying appetite from China despite the country's rapid recovery from COVID-19.

Net refined zinc imports fell by 6% to 512,000 tonnes last year, which was the lowest annual total since 2016. Western surplus, in other words, has largely stayed in the West.

This is surprising since zinc is likely to have benefitted from the broader Chinese construction and infrastructure recovery momentum. It's why it's often traded as a ferrous derivative by locals on the Shanghai Futures Exchange.

Moreover, China's own zinc production should have been held back by a squeeze on raw materials caused by pandemic lockdowns in key supplier countries, first and foremost Peru.

Imports of Peruvian zinc concentrate averaged 70,000 tonnes in the first quarter of 2020. They almost evaporated to just 1,200 tonnes in June as multiple mines reduced operations in the second quarter.

Yet, Chinese smelters appear to have successfully compensated.

Total concentrates imports rose by 20% last year with increased supply from Australia in particular offsetting the loss of Peruvian material.

In the event, Chinese refined zinc production rose by 3.1% to a record 5.3 million tonnes in 2020, according to state researcher Antaiko.

That was around 200,000 tonnes lower than originally expected but evidently more than sufficient to reduce import demand for the rest of the world's surplus metal.

Antaiko is forecasting even faster growth of 5.7% this year as concentrates supply recovers from last year's disruption.

STILL TIGHT

China may have successfully navigated last year's mine hits, but the concentrates market remains tight and is still a restraining influence on higher smelter utilisation rates.

Treatment charges levied by smelters for converting concentrates into metal remain at bombed-out levels below \$100 per tonne, suggesting fierce competition for available material.

Everyone expects the supply chain to normalise this year, CRU for example forecasting global mine production to come roaring back with 7.5% growth after a 2.8% contraction in 2020.

The key question is how long it will take, given the potential for more disruption from second-wave pandemic lockdowns.

Citi analysts expect a "deep concentrate deficit" to persist through the first half of the year with a possible "total zinc deficit" in the first quarter, meaning the raw material deficit will be greater than the refined metal surplus. ("China Commodities Trade Data", Jan. 26, 2021)

ING is more sanguine, looking for recovery from the second quarter onward and a resulting moderate 90,000-tonne concentrates surplus over the year as a whole. ("Zinc: Back on track after a turbulent year of mine supply," Dec. 17, 2020)

Timing a turn in the zinc market is evidently going to be tricky and not helped by totally unexpected mine outages such as that at South Africa's Gamsberg following a pit wall collapse.

But the market focus on a tight raw materials segment of the supply chain risks ignoring the elephant in the room, namely the large amount of metal that has accumulated outside of China over the last year.

That elephant has just, partially, shown up.

Fonte: Reuters

Autor: Andy Home

Data: 28/01/2021



BENTO ALBUQUERQUE FALA SOBRE INVESTIMENTOS EM MINERAÇÃO EM GOIÁS E REFORÇA A IMPORTÂNCIA DO SETOR PARA O BRASIL

Titular do MME destacou os investimentos de R\$8,8 bilhões e criação de 6 mil novos empregos no setor mineral no estado de Goiás

O Ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, publicou vídeo em que valoriza os novos investimentos no setor mineral do estado de Goiás e o trabalho do governo federal para estimular os negócios da mineração no Brasil. O material foi divulgado após a assinatura do protocolo de intenções entre o governo de Goiás e 14 mineradoras. A previsão de investimentos para o estado nos próximos dois anos é de R\$ 8,8 bi, em 9 cidades goianas, com expectativa de criação de 6 mil empregos diretos.

Albuquerque também destacou a importância da criação de empregos e renda gerados pelo setor mineral, bem como reforçou os esforços do governo federal para melhorias do ambiente de negócios com o intuito de atrair novos investimentos para o setor.

Este valor de R\$8,8 bilhões faz parte dos US\$37,1 bi de investimentos anunciados pelo Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM), no segundo semestre de 2020. Goiás é o terceiro maior em faturamento no setor mineral brasileiro, vindo em seguida ao Pará e a Minas Gerais. A perspectiva é que o setor mineral receba esse aporte de investimentos até 2024 e gere mais de 6 mil empregos e movimente as cadeias produtivas formada por centenas de empresas.

Fonte: Portal da Mineração

Data: 29/01/2021



SAMARCO PREPARA PROPOSTA DE REESTRUTURAÇÃO DA DÍVIDA

A Samarco Mineração SA, empresa que retomou as operações em dezembro, está preparando uma proposta de reestruturação de sua dívida de US\$ 3,8 bilhões com pagamentos em atraso para apresentar aos credores, disseram pessoas familiarizadas com o assunto.

A empresa, uma joint-venture da Vale SA e da BHP Group Ltd, pode iniciar as conversas ainda no primeiro semestre deste ano, disseram as pessoas, pedindo para não serem identificados porque as discussões não são públicas. A dívida total e o cronograma de pagamento precisarão ser ajustados ao novo tamanho da Samarco, segundo uma das pessoas. Os preços da dívida da Samarco não estão refletindo a reestruturação esperada pela empresa, disse uma das pessoas.

A Vale disse que a Samarco usará cerca de 26% de sua capacidade produtiva neste ano, o que significa que vai produzir cerca de 30% do volume produzido antes de fechar as operações em 2015, após o rompimento de uma barragem. Isso significa que não será capaz de pagar o que era esperado da empresa cinco anos atrás, segundo as pessoas. As incertezas sobre o tamanho dos programas de reparação e compensação de danos ainda são um desafio para definir um plano de reestruturação sustentável, disse uma das pessoas.

O título mais negociado da Samarco, uma emissão de US\$ 1 bilhão com vencimento em 2022, subiu para 73,6% do valor de face, em relação aos cerca de 48,25% no início de outubro, de acordo com dados compilados pela Bloomberg. Alguns detentores de títulos estão ainda mais otimistas do que os mercados e esperam pagamento de acordo com o valor de face mais juros em atraso acumulados, disse outra pessoa.

Milhões de toneladas de lama tóxica foram derramadas quando a barragem de resíduos da Samarco desabou, matando 19 pessoas, levando a BHP e a Vale a enfrentarem uma série de processos judiciais. As empresas criaram a Fundação Renova para supervisionar os trabalhos de reparação, remediação e compensação de danos e gastaram R\$ 11,3 bilhões até agora, de acordo com o site da fundação.

Os credores de US\$ 2,2 bilhões de títulos da dívida externa com pagamentos em atraso, e de mais US\$ 1,6 bilhão em empréstimos e outras obrigações são principalmente fundos de investimento, uma vez que os bancos venderam quase todos os créditos.

Fonte: Money Times

Data: 29/01/2021



OPERAÇÃO EM JACOBINA É A PRIMEIRA DO BRASIL A PARTICIPAR DO PROGRAMA PADRÃO DE SUSTENTABILIDADE CANADENSE

A JMC Yamana Gold é a primeira mineradora brasileira a participar do padrão de sustentabilidade desenvolvido pela Associação de Mineração do Canadá (Mining Association of Canada- MAC). O programa da Associação de Mineração do Canadá 'Towards Sustainable Mining' - TSM ou 'Rumo à Mineração Sustentável' é um programa de sustentabilidade reconhecido mundialmente que apoia as empresas de mineração no gerenciamento de riscos ambientais e sociais importantes. O processo de implementação dura cerca de três anos e a Yamana já concluiu o primeiro ano, que consiste no cumprimento de vários requisitos básicos e auto-avaliações para suas unidades na América do Sul, incluindo as operações de Jacobina. Há um cronograma de trabalho em andamento para as atividades previstas nas próximas etapas.

"Ser sustentável é uma premissa para trabalhar no ramo da mineração hoje em dia. A Yamana possui programas muito intensos voltados à sustentabilidade do setor e esse é um grande passo para que continuemos trabalhando com alto desempenho, segurança e responsabilidade socioambiental. Nossas ações visam refletir um conjunto de valores que compartilhamos com nossos empregados e comunidades, incluindo honestidade, transparência e integridade", afirma Ivan Rigoletto, diretor de Saúde, Segurança e Sustentabilidade da Yamana.

A adesão da Yamana Gold ao programa ocorre de forma voluntária. “Participar do TSM vai além das exigências legais e fortalece o compromisso contínuo das práticas e indicadores de sustentabilidade empresarial para as mineradoras”, reforça Rigoletto. O Ibram já está em tratativas para trazer o programa TSM para seus associados no Brasil.

A utilização racional dos recursos naturais é uma premissa para o desenvolvimento dos negócios no município de Jacobina. O reuso da água em todos os processos da empresa, a reciclagem do lixo orgânico com a implantação de uma usina de compostagem em parceria com uma cooperativa local, o controle da poluição atmosférica por meio de programas específicos para este fim, além da garantia do bem-estar da biota e das comunidades que vivem no entorno da mineradora fazem parte do seu dia a dia, segundo a empresa.

Desde 2012 existe o Instituto de Desenvolvimento Socioambiental, com o objetivo de fortalecer e aumentar ainda mais o alcance dos programas voltados à sociedade e ao meio ambiente. A criação do instituto teve como base a consolidação e os excelentes resultados das ações educacionais, sociais, ambientais e culturais, por meio das quais milhares de pessoas foram beneficiadas.

Fonte: Conexão Mineral

Data: 29/01/2021



ATLANTIC NICKEL RENDEU R\$ 151 MILHÕES A FORNECEDORES BAIANOS EM TRÊS ANOS

A Atlantic Nickel injetou R\$ 151 milhões em compras e contratos com fornecedores da Bahia entre 2018 e 2020. E a empresa afirma que em 2021 pretende manter o desenvolvimento econômico “da comunidade a que pertence” como um dos parâmetros que vão “nortear as atividades da companhia” que tem produção de níquel sulfetado em Itagibá e exportou 67,7 mil toneladas do produto no ano passado.

É em Itagibá que está a maior parte de possíveis fornecedores da mineradora. Segundo a Atlantic Nickel, seu cadastro tem 1.130 empresas de Itagibá, além de mais 1.010 empresas de outras cidades baianas.

E foi com esses fornecedores que a mineradora gastou R\$ 75,2 milhões em compras, 26% do total da empresa, além de R\$ 75,7 milhões em contratos nos últimos três anos.

No caso das compras locais, os gastos foram crescentes: R\$ 8,9 milhões em 2018, R\$ 19,1 milhões em 2019 e R\$ 47,2 milhões no ano passado. Já os contratos de prestação de serviços representaram aportes de R\$ 3,5 milhões em 2018, R\$ 49,3 milhões no ano seguinte e R\$ 22,8 milhões em 2020.

“Os contratos firmados corroboram esta perspectiva de fomento à economia local, além de atuar na valorização da mão-de-obra, circulação de renda e oferta de postos de trabalho no interior da Bahia”, observou a mineradora, que emprega mais de 1,7 mil pessoas na operação em Itagibá.

“O objetivo é manter o cenário de prioridade às relações comerciais com fornecedores da Bahia, sobretudo, aqueles sediados no território de atuação da empresa. Já são 2.140 estabelecimentos em toda a Bahia cadastrados pela Atlantic Nickel para aquisição de produtos e serviços, mais da metade deles pertencentes à microrregião Itagibá-Ipiaú”, diz a nota.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 29/01/2021



GOIÁS

SETOR CRIARÁ 6 MIL EMPREGOS EM DOIS ANOS

O Governo do Estado de Goiás reuniu representantes estaduais e federais, autoridades diplomáticas de nove países e membros de 14 mineradoras para anunciar o investimento de R\$ 8,835 bilhões em mineração no Estado e a criação de seis mil novos empregos nos próximos dois anos. A Amarillo Gold, que desenvolve um projeto mineral em fase avançada no município de Mara Rosa, será responsável por 20% dos postos de trabalho em regime direto, quando consideradas as fases de construção do projeto e produção comercial.

Quando o processo de Licença de Instalação (LI) estiver concluído, juntamente ao de financiamento do empreendimento, a Amarillo iniciará a construção do projeto ainda este ano. A Amarillo responderá pela geração de 700 empregos diretos e 2 mil indiretos durante a fase de construção e, na etapa de operação, irá gerar 500 empregos diretos e outras 3 mil oportunidades indiretas na região de influência do empreendimento, o que deverá ocorrer no segundo semestre de 2022. A empresa investirá aproximadamente R\$ 600 milhões no empreendimento. “A Amarillo veio para ficar, é uma empresa forte, de padrões internacionais e que quer fazer o melhor no Estado e em

Mara Rosa. Queremos ser a mola propulsora da economia goiana no pós-pandemia e estamos prontos para isso. Vamos gerar emprego, renda e almejamos poder contribuir com a melhoria do IDH do município, sendo uma referência em mineração sustentável”, disse Arão Portugal, Diretor Geral da Amarillo Mineração do Brasil.

O Governador do Estado de Goiás, Ronaldo Caiado (DEM) assinou Protocolo de Intenções envolvendo o Governo Estadual, a Secretaria de Indústria, Comércio e Serviços de Goiás (SIC), a Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad) e as empresas convidadas, com o objetivo de reafirmar o apoio a estas atividades. “Goiás é um Estado com rico subsolo e estas empresas poderão nos auxiliar muito no desenvolvimento de regiões mais carentes. Especialmente agora, quando enfrentamos uma crise mundial em decorrência da pandemia, precisamos cada vez mais das mineradoras”.

Segundo a Secretaria de Indústria, Comércio e Serviços, Goiás se destaca como o maior desenvolvimento industrial do país atualmente e, em 2020, apresentou um crescimento de 8,35% no número de empregos formais. O setor de mineração teve relevante participação na balança comercial da região que, pela primeira vez, ultrapassou R\$ 8 bilhões em produtos exportados, em diversos setores. Goiás é o segundo maior produtor de ouro do Brasil e terá ainda mais investimentos em produção de minérios, somando R\$ 8,835 bilhões e gerando seis mil novos postos de trabalho até 2022.

Fonte: Brasil Mineral

Data: 28/01/2021



Mais de 140 normas
sobre barragens,
atualizadas e
sistematizadas

**EM NOVO
FORMATO**

➤ Digital
➤ Colorido

Apoio Institucional



Coordenadora
Marina Ferreira

**2ª Vade Mecum
de Barragens**
Edição

Coautoras
Priscila Miranda
Tatiana Barros

insight

50%OFF
PARA NOSSOS
associados

cupom de desconto

ADIMB



ADIMB
Agência para o Desenvolvimento e
Inovação do Setor Mineral Brasileiro



insight

Mulheres
Múltiplas

Fonte: Insight

Data: 03/02/2021